

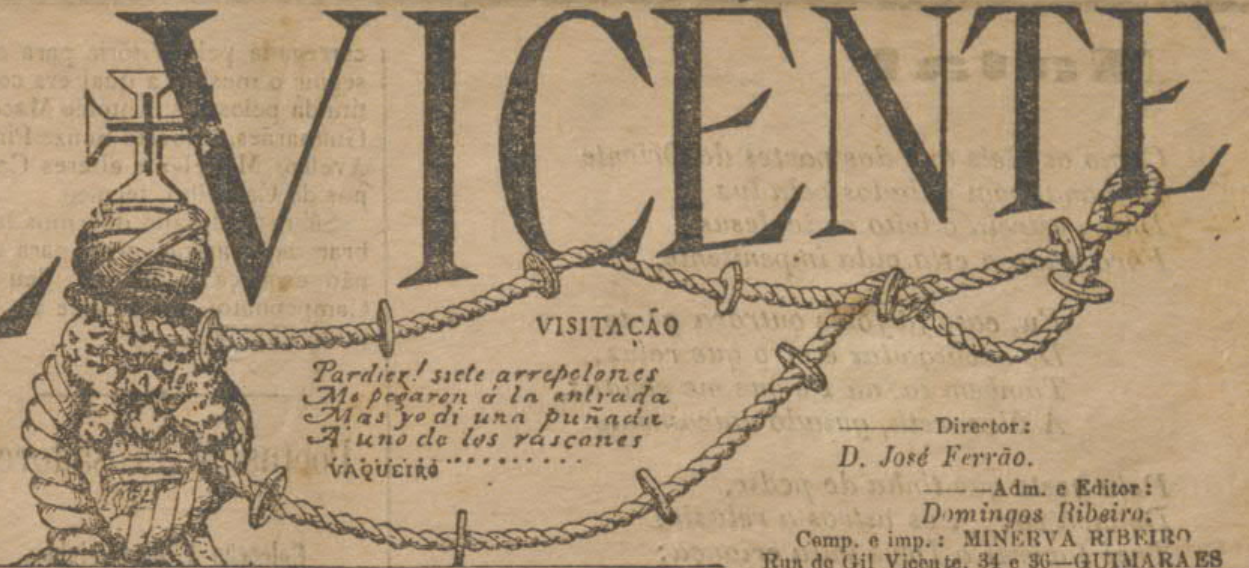


GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO

Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes
Vázquez

Director:
D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos Ribeiro.

Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua do Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

NA AGONIA DO PENSAMENTO E DA VERGONHA



Ascensão heroica!

*Sobe, tal como o fumo em espiral,
A grande fé que eu tenho, nesta hora,
—Que esta fé minha suba sem demora!—
Aos pés do Senhor—Deus de Portugal!*

*Todo o heroísmo antigo, medieval,
No sangue meu se retempera agora!
—A voz dos nossos Grandes, como outrora,
Sôa de novo, em brado triunfal!*

*Ouço-a perto... Bendita seja Ela!
E' a Esperança—a sua boa estrela
E p'ra nós—o Caminho redentor!...*

*—Que seja a minha fé por Deus querida!
Assim a voz que eu ouço com fervor
Será por mim melhor compreendida!...*

(No Reyno do Eucanto—Ano do 1923).

Ruy de Bom Jesus.

Que mais nos falta vêr ainda? Que haverá por aí de loucura, de ignominia, de anárquica, que venha escancarar-nos a bôca de espanto e revolvêr nos o estomago de nausea? Nada mais existe que nos cause, que nos acirre a temerosa revolta que refere, que fermenta, que ruga dentro de nós? Porque não? F' abrir os jornais e pasmar; é lêr os livros que os prêlos parturejam e cuspir; é vêr o teatro, e a arte, e a politica e corár; é vêr o que se faz, é ouvir o que se diz, é acompanhar o ruído babilónico deste crepúsculo democrático, o ruído selvagem de uma sociedade que só mastiga e arróta. Maus? Alguns. Loucos? Muitos. Desvergonhados, todos.

Porque é preciso que os individuos em geral e as quadrilhas politicas em particular, tenham atirado ás urtigas com as escorralhas do bom-senso, com uns farrapos de conveniencia, com os ultimos restos da vergonha, da decência e do caracter, para que fôsse possível assistir-se a este espantoso relaxamento de costumes sociais e politicos; a cisto que não tem nome nem classificacão entre as aberrativas deformacões de que estão pejados os museus teratologicos da história; a cisto que nem é democracia, que não é já uma anarquia declarada e franca, que nem ao menos é um sistema com leis e objectivos definidos; a cisto que é apenas chareo ou inclinado lameiro por onde tudo escorrega até á fossa. Maus? E quanta maldade andava embuçada na capa dos principios que se diziam democraticos, e quanta febre de rapina se ocultava por detraz de um balcão, e quanto furôr de go-o e de mando existia sob a máscara do desinteresse e da liberdade, anda á solta e encarrapita-se no galarim da vida, faz revoluções, concede entrevistas puxadas a retrato na imprensa que dá, e vende, e aluga as columnas a todos os audaciosos sem escrúpulos, aos tiranetes sem responsabilidade, aos plutocratas sem entranhas. Loucos? E tantos? Loucos que parecem fugidos de um manicómio; loucos que ferem os ouvidos com relinchos de besta ou explosões de bombas; loucos de tragédia que passam na vida como caréts de horrorosa expressão; loucos que matam, loucos que roubam, loucos que vampirizam o ideal e o deformam e esmagam; loucos capazes de violarem as mães por uma hora de popularidade; loucos que o enxurro eleva até ao requinte da degradacão, até ao árume da infamia. Mais alastrada ainda de que a maldade, mais nociva talvez do que a loucura, a desvergonha infiltrou-se em todas as almas, trepou a todas as classes, minou todas as consciencias, abafou todos os escrúpulos. E' uma falta colectiva de caracter, é uma obliteracão completa de decência e de bom senso, é um eclipse total de pudôr, de amor-próprio, de dignidade

humana. E' o regimen da oferta e da procura, escorraçado dos negocios pela solidariedade no roubo, transferido para os dominios da politica e da consciencia. Tudo se compra, tudo se vende, tudo dá lucro. Na politica como no commercio, na arte como na imprensa—a onda de torpeza, de ganancia, de concussão, tudo enrolou e subverteu. Ha partidos, ha governos, ha institucões que organizem e presidam a cesta bacanal de percevejos sobre uma enxerga pódr... Não. Ha appetites. Ha o appetite colectivo de uma furiosa; de uma universal enxurrada de egoismos, de febre, de nevrose, de prazer.

Só numa sociedade assim composta de maus, de loucos, de desvergonhados, a democracia poderia ter-se arrastado até ao inconcebível, ao despejo clinico, até ao debexa.

C'os diabos! Lá fôra ao menos aparece de tempos a tempos um ditador que trava com um bridão a besta desenfreada, e cavalga sobre a alimário um arremêdo de autoridade e de ordem. Dura um momento o jugo de ferro do tirano, o momento indispensavel para reorganisar a democracia e deixá-la correr depois até ao abismo e decerto até á morte. Aqui não. Falam em legalidade os ambiciosos que fabricam leis de funil de proveito para si e prejuizo para os outros; pregam democracia os falsificadores de eleições, os compradores de votos, os demagogos que impõem pelo insulto ou pela força o predomínio de uma quadrilha sobre outras quadrilhas; reclamam ordem, e moralidade, e honestidade os empreiteiros de revoluções e de greves, os frequentadores de roletas e pan giristas do alcouce e da pornografia, os rapinantes e especuladores do commercio e da fiança. Porque um ministro pensou em reprimir o jogo, uma revolução logo se anuncia como defesa e como protesto. Uma simples tentativa de reduçào do parasitismo que infesta as repartições publicas, prantou na rua uma revolução e fez tombar um ministério inteiro. Já não são apenas as infilmas camadas sociais que escabujam á mingua de um pensamento e de uma vergonha. Radicada em todos os estomagos só ha uma ideia: comer. E todos comem, ou antes, todos procuram comer o mais e o mais depressa possível. Ha quem se engasge e até quem vomite nesta glutóna ansia de mastigar e remoer: são os que deixam um rasto vivo de rapina, de fraude, de falsificacão, e não souberam ou não quizeram perder tempo mastigando e digerindo consoante as leis da democracia, as leis do roubo acautelado e garantido no liberalismo economico, as unicas que se cumprem num paiz e num regimen onde toda a lei e toda a justiça são monstruosidade juridica, e burla vergonhosa, e irresponsabilidade

grotesca e corrupta. A irracionalidade da democracia enxerga-se, apercebe-se na monstruosidade dos seus principios. A democracia-abstracão, a democracia-doutrina é condenavel pelo que nela existe de anti-social e de anti nacional, pelo que nela falta em sentido de humana realidade, pelo que nela sobeja em ideologia, em crença ingénua ou manhosa na bondade colectiva ou individual. Mas é forçoso analisar as consequencias da democracia em Portugal desde 1820, é preciso escarpillar este periodo borrascoso e imundo da Republica, para se vêr até onde pode chegar a degradação e a miseria, a loucura e a maldade. De 1910 para cá não é já um regimen com leis e fórmulas definidas. E' um sistema calabrez de assalto do poder e da bolsa á mão armada, é a negação de todas as formas conhecidas e desconhecidas de governo. Conhece-se que é uma democracia porque disputa eleições á facada e á bomba, conhece-se que é uma republica porque tem um presidente com mais ou menos péra, suspeita-se de que é uma institucão parlamentar porque ha um edificio onde orneiam deputados mais ou menos burros: No fundo é uma plutocracia desvergonhada, um feudo de financeiros e de politicos, um velhaconto de carneiros e de ladrões.

Porém, o que mais irrita, o que mais tem de paradoxal e de cinico, é que os ladrões se revoltam invocando o roubo, que os devassos protestem condemnando a crapula, que os glutões levantem, fatos, o focinho e preguem na mangedoura uma panelha de coices, e que uns e outros façam periodicamente um motim ou uma revolução para moralisar, para dignificar, para barrelar o regimen, para o restituir á pureza e á incorruptibilidade dos principios. Para se vêr até que ponto a falta de caracter e de vergonha galgou nas consciencias e alastrou pelo corpo social, basta lêr a imprensa de todos os matizes, os jornais de grande circulaçào e a pirataria gazeteira que vive da politica ou da «chantage».

O homem de bom-senso pergunta o que espera o paiz da democracia se a democracia, desde que não queira ser estrangulada nas unhas de ferro da ditadura, tem de liquidar neste mar-morto de infamia em que se atasca, em que atasca tambem o paiz. Mas logo lhe re-põem os comunistas, inconscientes e ignorantes, que a democracia é a igualdade, e que a igualdade é uma burla enquanto a riqueza não fôr gosada e administrada em comum. A autocracia invertida de Lenine e o viveiro de plutocratas que na Russia se está gerando, não importa a esta sórdida «élite» de

parasitas associativos: o mais daninho de quantos bichos de conta furam e trepam na mascarada cégetista, burla da organizacão sindical, alfôbre de assassinos, de fanaticos e de agitadores ao serviço dos politicos e do regimen.

E dizem os radicais, fazendo tábua-raza de principios e de processos, que é preciso reimplantar a Republica ainda que para o conseguir seja indispensavel a mão de ferro da ditadura. E clamam os partidos eleitorais do regimen por mais impostos e por uma forte maioria parlamentar; e berra o fantasma do socialismo a necessidade da socialisacão pelo Estado de algumas grandes empresas e serviços de utilidade publica, onde acoutasse os apaniguados que o bôdo de Monsanto não chegou a conter. E dizem por fim os monarchicos-constitucionais: — E' para traz o caminho, para 1910, para o regabofe liberal, para a Falpeira de manto e corôa onde se não roubou em setenta anos a decima parte do que a Republica roubou em treze. E talvez ainda alguma alma penada do miguelismo ou do sebastianismo vagueie a horas mortas pelos êrmos suspeitos do Centro Catolico sonhando o reino de Deus e dos lórpas e a consagração da Republica ao Sagrado Coraçào de Jesus. Respondem os politicos com o interesse partidario; ninguém responde pelo interesse nacional. Neste achatamento de ideias e de consciencias, nesta confusào satânica de baixas intrigas e de pugnas sangrentas pelo osso do orgamento, o nosso pendão de revolta sangra no ceu a cruz de Cristo e o nosso grito ergue-se até ao ceu como a espada flamejante da Justiça. Quem nos ouve? Tão raivoso é o ranger das dentuças, o esmerilhar das mandíbulas na carcassa martir da

produção, que quasi nos convencemos de que um grande ruído de mastigacões e de arrôtos abafa e escarnece a unica, a derradeira voz do Pensamento e da vergonha...

Pensar é sofrer. O pensamento é faúlha de genio, é raio de luz, é particula de Deus; é a mais bela faculdade humana, a faculdade de abranger no mesmo espaço e no mesmo tempo a alvorada de um sorriso e o sorriso de uma alvorada, o grão de areia e a superficie do mar, a vertigem dos séculos e a maquinaria formidavel do Universo. Canta e chora—porque é propriedade do homem, acompanha-o nas suas dores e nas suas alegrias. Sofre e exalta-se, e o seu sofrimento esbúrga as almas até á claridade divina que nelas reside, e a sua exaltação revela maravilhas e alteia monumentos de beleza e de amor.

Pensem, Pensem um pouco no Ideal; levantemos os olhos do chavascal de torpesas que é um povo democratisado até ao vicio, até á aberracão, até á desvergonha. Olhem-nos—a nós proprios e meditemos na missão resgatadora que nos foi confiada. Interroguem-nos: Pensem todos os homens da mesma fórma? Não. Mas o pensamento colectivo está encarreado para a maldade, para a loucura, para todas as grandes poucas vergonhas. Existe portanto uma causa interior ou exterior que desvia as almas para o mal, ou impede que elas procurem o bem, ou que o bem vá procurá-las. Essa causa é a democracia. Não são os homens que desvirtuam a democracia: é a democracia que perverte os homens. Portanto, a democracia é o inimigo: logo, é preciso derrubar a democracia. Berrando? Não bas-

Natal

Como os Reis que das partes do Oriente
Demandaram guiados pela luz
Dama estrela o leito onde Jesus
Fôra dado a esta vida impenitente,

Eu, caso já fôsse outrora gente
De cavalgadas e oiro que reluz,
Tambem ia, na Fé que me conduz,
A Nazareth, guiado unicamente

Pelo gosto que tinha de pedir,
De viva voz... os astros a reluzir!
Tres favores a Deus inda criança:

- Que não matasse nunca a Caridade!
- Do mundo retirasse esta Maldade!
- E jámais nos roubasse a Esperança!

1923.

R. E.

ts. A nossa voz, por muito forte que ela seja, nunca poderá ser ouvida pelos politicos, pelos conservadores, pelos democratas, jungidos pelo interesse á cevadeira de um regimen de engorda, pela massa desinteressada de bagatelas que prejudicam e roubam tempo, o tempo que é precioso para o negocio, para o jogo, para a dança, para o prostíbulo, e em que se gasta dinheiro, esse dinheiro atraz do qual os lobos se engalfinham, e esmurram, e agri-dem, e matam. Interroga-se o pensamento, e o pensamento responde apenas uma palavra: Revolução. Por mais que se procure, por mais que se espilhe o labirinto cabeludo das soluções, só pela Revolução será possível derubar a democracia. Moralisa-la seria o mesmo que achar a quadratura do circulo. A ditadura seria um caustico de eleitos transitorios. Não. Não é suficiente o grito, o protesto, a propaganda. E' preciso juntar, cerzir, organizar a Revolução, fundir as armas, amassar vontades, electrizar energias.

O nosso movimento, o movimento do espirito contra a materia, tem de ser a Revolução permanente até ao triunfo definitivo. Não nos preocupemos com detalhes de educação e da preparação geral das massas: as multidões andam transviadas porque o meio, a sociedade, a democracia, enfim, as conduzem ao erro. Aniquilada a origem do erro, ele se apaga e desaparece. Paladinos da Nação que pela Nação viemos, e pensamos, e sofremos, a nossa alma se alegra e comunga com o pensamento a palavra Revolução. Porque só a Revolução arrancará o paiz das garras dos partidos, e salvará a produção das unhas da ganancia, e impedirá que o espirito seja abafado e enganado pela carne nesta humilhante agonia do pensamento e da vergonha!

Cesar A. d'Oliveira.

Kermesse de Caridade

FESTA DOS EXPOSITORES

A comissão organizadora dessa festa, realisada em 11 de Novembro de 1923, apresenta hoje, embora tardiamente, mas com o maximo orgulho do dever cumprido e com a satisfação mais elevada do alcance e do resultado que ela atingiu, todo o saldo, todas as despesas e toda a distribuição que se fez, distribuição que foi a todas as casas necessitadas e pobres da cidade de Guimarães.

A comissão aproveita, neste momento da sua apresentação de contas, o ensejo de patentear publicamente tam-

bem, a sua gratidão e o seu reconhecido amor de estima a todas as senhoras que prestaram de boa vontade a sua colaboração para o brilho da festa, e a todos os cavalheiros grados da nossa terra que ajudaram, concorreram e animaram tão simpática e devotada cruzada de benfazer.

A todos, sem distinção, o agradecimento sincero.

Para os expositores, as bênçãos dos contemplados serão os melhores agradecimentos.

RENDIMENTO:

Tombola...	1.673.245
Leilão...	11.841.520
	13.514.765
DESPESAS...	461.365
SALDO...	13.053.400

Distribuição do Saldo:

Officina de S. José...	2.000.000
Asi o Santa Estefania...	2.000.000
de Mendicidade...	1.600.000
S. Francisco...	1.983.000
S. Domingos...	1.600.000
S. Paio...	1.600.000
Conferencia S. Vicente de Paulo (Homens)...	500.000
Conferencia S. Vicente de Paulo (Senhoras)...	500.000
Albergue de S. Crispim...	40.000
do Castelo...	40.000
das Dominicás...	40.000
Cantina...	250.000
Pároco de S. Paio...	300.000
de S. Sebastião...	300.000
da Oliveira...	300.000
	13.053.400

A Comissao,

Maria Almeida Menezes, Eduardo Lemos Mota, João Rodrigues Loureiro, Francisco Pereira Martins, José Martins Fernandes (tesoureiro), Casimiro Martins Fernandes, Francisco José Ribeiro, Gualdino Abreu Peretra e Alberto V. Braga.

D. José Ferrão

Esteve nesta cidade, tendo já regressado á sua casa na Foz do Douro, o nosso presado Director.

Secção de Sport

Domingo realiza-se a inauguração do campo de jogos do Vitória Sport Club.

Finalmente que em Guimarães há um campo de jogos, aspiração duma grande parte dos vimaranenses.

Deve-se este melhoramento aos ars. Capitão Fraga, Alberto Teixeira Carneiro e João Rodrigues Loureiro. E' justo também que não esqueçamos a comissão en-

carregada pelo Vitória para conseguir o mesmo a qual era constituída pelos srs. Antonio Macedo Guimarães, Alberto Souza Pinto, Avelino Meireles e alferes Campos de Carvalho, tecnico.

Sobre o desafio devemos lembrar ao capitão geral para que não esqueça o que se deu no Campeonato, em virtude da falta de Treinos.

Poetas & Prosadores

Colecção A. Figueirinhas

Antonio Figueirinhas, publicista de nome já consagrado, acaba de lançar a public., numa bela edição, a sua nova colecção de contos para as crianças.

Os 6 volumesinhos já publicados, cuja oferta muito agradecemos, são um mimo de contos escolhidos, muito simples e instructivos, contos que não vão preverter mas sim instruir a intelligencia das crianças.

Antonio Figueirinhas, reuniu nos seus 6 volumesinhos, os melhores contos assim distribuidos: I «Velhos Contos Gregos»; II «Três Contos de Andersen»; III «Contos Escandinavos»; IV «Velhos Contos Ingleses»; V «Contos Meridionais e Fabulas de Esopo»; VI «Contos de Grimm», devendo, no mês corrente, sair mais um novo volume.

A edição é excelente, com belas gravuras.

E', em tudo, uma colecção primorosa para as crianças.

Manoel Mendes

Encontra-se entre nós o nosso presado amigo e conterraneo snr. Manoel Mendes, negociante na Figueira da Foz.

Manoel Pires

A passar uma temporada de repouso, está nesta cidade o nosso presado amigo e conterraneo snr. Manoel Ribeiro Pires de Sousa, filho dedicado do tambem nosso presado amigo snr. Albano Pires de Sousa.

Imprensa

«Revista de Seguros Sociais»

Recêbemos o n.º 3 desta util publicação, editada por «A Paternal», Sociedade Mutua de Seguros, que recomendamos pelas informações preciosas acerca dos «seguros sociais».

Santa Oecilla

Recêbemos o n.º 3 (II série) deste excelente suplemento quinzenal de musica sacra da Revista «VIDA MUSICAL», editado pela agencia Stella, Lim.ª, de Lisboa. Agradecemos.

«A Democracia»

Depois de algum tempo de suspensão, reapareceu este nosso colega da vizinha vila de Fafe.

Os nossos cumprimentos.

«Jornal das Taipas»

Entrou no 3.º ano de publicação este nosso presado colega, a quem, por tal motivo, enviamos as nossas saudações.

Natal

Por ter saído errado, publicamos novamente o soneto «Natal».

Ao seu autor, o nosso querido amigo sr. Rufino Esteves, pedimos nos desculpe esta falta.

A' sombra da Cruz

Coronel Amado

Num quarto particular do Hospital da Misericórdia faleceu o snr. coronel Justino Amado, antigo comandante de D. R. I. n.º 20.

Monarquico dedicado, foi demitido e perseguido após o 13 de Fevereiro.

A sua morte foi muito sentida.

Augusto Mendes da Cunha

Na sua casa, á Rua 31 de Janeiro, tambem faleceu o sr. Augusto Mendes da Cunha, negociante e proprietario.

João de Almeida

Na casa da sua residencia, á rua de Camões, faleceu o snr. João Antonio d'Almeida, pai estremoso dos snrs. dr. João d'Almeida e Fernando de Almeida.

O «Gil Vicente» apresenta ás familias em luto sentidas condolencias.

EXECUÇÃO PERFEITA TRABALHOS EM CORES

TIPOGRAFIA

MINERVA RIBEIRO

PREÇOS MODICOS

Rua de Gil Vicente, 34 e 36 — Guimarães

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.ªs Snrs. Ministro do Interior e Commissario Geral dos Serviços de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRANÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

Gil Vicente

ANO V N.º 173

2.ª Série N.º 50

Ex.ªo Snr.